

Serpil Oppermann

**Teorizando a ecocrítica: para uma
prática ecocrítica pós-moderna**

Introdução e Tradução
José Eduardo Reis

DERIVA

TÍTULO

Teorizando a ecocrítica: para uma prática ecocrítica pós-moderna

AUTOR

Serpil Oppermann

TÍTULO ORIGINAL

Theorizing Ecocriticism: Toward a Postmodern Ecocritical Practice
ISLE: Interdisciplinary studies in literature and environmental (2006) 12(2): 103-128

INTRODUÇÃO E TRADUÇÃO

José Eduardo Reis

ISBN

978-989-8701

REFERÊNCIA

1506012

FORMATO

10x18cm

1.ª EDIÇÃO

novembro 2017

DEPÓSITO LEGAL

xxxxxxxxxxx

IMPRESSÃO

DERIVA EDITORES

PORTO

infoderivaeditores@gmail.com

derivaeditores.blogspot.pt

derivadaspalavras.blogspot.pt

Esta publicação é desenvolvida no âmbito do Programa Estratégico Integrado UID/ELT/00500/2013 e POCI-01-0145-FEDER-007339

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

© Deriva Editores, 2017

COLECÇÃO PULSAR

A colecção Pulsar, dirigida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, divulga textos relevantes em torno da literatura e de outras artes. Estes pequenos livros, que se podem ler numa viagem de comboio ou a uma mesa de café, pretendem emitir um sinal luminoso, sentidos de um pensamento, fulgurações de palavras. Como os enigmáticos e distantes pulsares.

Direcção e coordenação científicas de Ana Luísa Amaral,
Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo.

Esta publicação é desenvolvida no âmbito do Programa Estratégico Integrado UID/ELT/00500/2013 e POCI-01-0145-FEDER-007339



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

POCI-01-0145-FEDER-007339

UID/ELT/00500/2013



Serpil Oppermann

**Teorizando a ecocrítica: para uma
prática ecocrítica pós-moderna**



Introdução

1. No âmbito de uma breve reflexão sobre as relações entre o campo de conhecimento literário e políticas de futuro, o estudo da literatura na perspectiva da sua articulação com o meio ambiente encontra a sua justificação na plena atualidade política da crise global ecológica e da sua real ou imaginária deterioração futura.

2. Atendendo à contemporânea determinação cultural e política da teorização do sistema literário, não exclusivamente orientada para a análise sistemática dos seus códigos, normas e convenções, antes configurada por diferentes contributos de outras áreas do conhecimento das humanidades e das ciências sociais, é de salientar, como tentativa dos estudos literários darem resposta àquela crise, a emergência na década de 1990 da designada ecocrítica – termo que parece reunir na academia portuguesa consenso relativamente a outros termos oriundos do universo académico anglo-saxónico, *ecopoetics*, *environmental criticism*, *green cultural studies*.

3. À semelhança de outros tópicos de relevância política e cultural, como os da ‘raça’, ‘classe’ e ‘género’, o estudo literário do meio ambiente, procurando refletir e responder teórica e metodologicamente no interior dos estudos literários ao candente problema da pressão humana sobre a sustentabilidade das condições físicas da vida na terra, começou a adquirir consistência teórica entre as segundas metades dos anos 80 e 90 e a autonomizar-se como um subdomínio dos estudos literários no seio dos

departamentos de Inglês e de Humanidades de algumas universidades norte-americanas no início do nosso século.

4. Em concreto, na origem da modelação paradigmática da ecocrítica convergem, por um lado, a tradição norte-americana de escrita não-ficcional com as suas representações da *wilderness* (território ermo) e, por outro, as leituras revisionistas do romantismo inglês.

5. Tomando como objeto geral de estudo as interconexões entre cultura (os artefactos da língua e da literatura) e natureza (a ecosfera), Cheryll Glotfelty, a primeira editora de um primeiro *Ecocriticism reader*, inventaria um conjunto de questões centradadas no estudo literário do meio físico passíveis de serem abordadas pela ecocrítica, e que variam entre o modo como a natureza é representada, por exemplo, num soneto, à análise do discurso científico por estratégias de interpretação dos estudos literários, passando, entre outras possibilidades epistémicas e hermenêuticas, pela caracterização genológica da escrita sobre a natureza ou pela avaliação do efeito que a crise ambiental contemporânea produz na literatura contemporânea e na cultura popular.

6. A mesma autora recorre ao modelo triádico que Elaine Showalter utilizou na categorização da crítica feminista para descrever a evolução da ecocrítica, subsumindo-a a três fases: (i) a relativa à análise, na literatura canónica, dos estereótipos, distorções e omissões da representação literária da natureza; (ii) a fase em que a crítica redescobre e reconhece uma tradição, muitas vezes de enfoque biográfico, de escrita sobre a natureza tanto em autores reconhecidos como desconhecidos; (iii) a fase teórica

de configuração e de fundamentação epistêmica de domínios discretos de reflexão sobre as relações entre natureza e cultura como os da “Deep Ecology” (movimento fundado pelo filósofo norueguês Arne Naess), do ecofeminismo e da poética ecológica. (Glotfelty, xxii-xiv).

7. Se, como estratégia interpretativa, a ecocrítica “tem um pé na literatura e outro no solo”, se, como discurso teórico, “negoceia entre o humano e o não humano” (Glotfelty, xix), compreende-se que ela possa ser genericamente caracterizada – na designação alternativa ou equivalente proposta por Timothy Clark em *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment* de “crítica ambiental” – como “extra-vagante – do latim que significa vaguear para lá das fronteiras” (Clark, 2011:4).

8. Em muitos sentidos, a prática “extra-vagante” da ecocrítica desestabiliza as convencionais categorizações dualistas natureza/cultura, humano/não humano, eu/outro, etc., alargando o espectro e reconfigurando o campo do estudo literário para além dos limites definidos de disciplinas e abordagens convencionais, herdadas do paradigma humanista do conhecimento.

9. Em correspondência com a evolução da literatura comparada, essa vocação ‘extra-vagante’ e abertura à prática interdisciplinar da ecocrítica predispõem-na a ser utilizada como um inequívoco recurso hermenêutico da análise literária comparatista.

10. A predisposição comparatista da ecocrítica não deve elidir as dificuldades, tensões, contradições, oposições teóricas das/às suas abordagens, em grande medida derivadas quer da difusa ou

equivoca determinação do conceito de ‘natureza’, quer do uso anacrônico, sentimental e inadequado do termo ‘natural’.

11. Uma das principais áreas de estudo da ecocrítica é designada por *nature writing*. Esta ‘escrita sobre a natureza’, elaborada na esteira do ensaio de Thoreau, *Walden*, levanta questões de indefinição genológica que são remissíveis à indeterminação das fronteiras entre o ficcional e o não ficcional.

12. Há a destacar ainda, nesta breve aproximação a algumas questões, problemas e possibilidades hermenêuticas demonstrativas do potencial comparatista e da relevância sociocultural e política da ecocrítica a sua relação com as dimensões científica e ética do pensamento ecológico. Neste sentido, refira-se a tese de Hubert Zapf, bastante influente entre os críticos alemães, de atribuir à literatura “um princípio ecológico ou uma força ecológica”, desenvolvida no seu livro, publicado em língua alemã, em 2002, e com o título inglês *Literature as Cultural Ecology: On the Cultural Function of Imaginative Texts with Examples from the American Novel*.

13. Há tentativas literárias, ensaísticas e poéticas de transcender o efeito construtivista / culturalista da representação da natureza. Mas, apesar destas experiências em que a representação da relação humano/não humano ou cultura/natureza surge reordenada pela tentativa de reinventar a medida dessa relação, um dos traços constituintes da teoria que tem definido a prática da ecocrítica é justamente a de produzir leituras, tanto de textos literários como de textos não ficcionais de incidência ambiental, que comportam diferentes avaliações e competitivas conceções culturais da natureza.

14. Revisitando alguns destes tópicos sobre as origens, prática e âmbito da ecocrítica, o ensaio que aqui traduzimos de Serpil Oppermann, *Teorizando a Ecocrítica. Para uma Prática Ecocrítica Pós-Moderna*¹ propõe reconfigurar o campo de investigação desta modalidade hermenêutica da literatura que, de acordo com uma orientação epistemológica realista, tende a privilegiar os referentes ambientais em detrimento da sua mediação e recriação linguística.

15. Com o fim de superar as constrições daquela epistemologia aplicada à leitura literária da representação da natureza e distender assim os limites da prática da ecocrítica, Oppermann recorre a certos aspetos da teorização pós-modernista, nomeadamente os que incidem sobre a problemática definição referencial da ideia da natureza.

16. Nesse sentido, a autora divide a sua reflexão em três partes. Na primeira elabora uma síntese sobre o estado da arte do campo da ecocrítica à época em que foi publicado o ensaio; na segunda discorre criticamente sobre a problemática noção do pós-moderno associado quer à radical derrogação dos fundamentos realistas e referenciais da representação mimética do mundo, quer às teses da sobredeterminação verbal e do condicionamento social e cultural da construção do conhecimento; na terceira, após mitigar o relativismo teórico e a redução da natureza do mundo à sua mera verbalização e textualização, e após valorizar a crítica ao modo de pensar antropocêntrico, desenvolve, fundamenta

¹Theorizing Ecocriticism: Toward a Postmodern Ecocritical Practice. *Interdisciplinary Studies Literary and Environmental* (2006) 13 (2): 103-128 doi:10.1093/isle/13.2.103. Agradeço à Isabel Alves a sugestão da leitura deste texto.

e ilustra o argumento da “abordagem ecocêntrica pós-moderna”.

17. Essa abordagem – que incorpora a crítica às premissas iniciais das análises textuais ecocríticas tendentes a assimilarem processos físicos a construções verbais e a confundirem o referente material com a sua representação verbal, – articula-se a partir de uma concepção “reconstitutiva” e não “desconstrutiva” da teoria pós-moderna assente nas ideias de heterogeneidade e de distribuição rizomática, não hierarquizada dos elementos sistémicos, convergente com a diversidade, a interconexão e relação dos princípios ecológicos.

18. Com base na convergência teórica dessa heterogeneidade conceptual do pós-modernismo com a pluralidade relacional do meio ambiente, Serpil Oppermann propõe assim contribuir, com este seu ensaio, para a elaboração de uma teoria ecocrítica suscetível de redefinir as relações entre cultura e natureza e de promover a leitura polissémica e multívoca de textos literários que, de forma explícita ou subtil, representem a ecologia das interações humanas entre si e com as mais diversas formas de vida e fenómenos do mundo material.

Agradeço à Isabel Alves a sugestão da leitura deste texto.

José Eduardo Reis